

Haplogia na região amazônica: imagens preliminares

Marilúcia Oliveira

Universidade Federal do Pará (Brasil)

mariluci@ufpa.br

Flávia Paz

Universidade Federal do Pará (Brasil)

dapazhelen@yahoo.com.br

Recibido o 14/02/2013. Aceptado o 11/07/2013

Haplogia in the amazonic region: preliminary pictures

Resumo

O presente artigo trata do fenômeno da haplogia na fala espontânea de cidadãos paraenses. O estudo refere-se mais especificamente ao que chamamos de haplogia sintática. Avalia-se os contextos de frases compostas apenas por /d/ - /d/, /t/ - /d/, /t/ - /t/ e /d/ - /t/, exemplificados respectivamente por: *la(du) dʒi fora*, *per(tu) du*, *a gen(tʃi) tʃinha medu* e *tu(du) tʃinha*. Os fatores avaliados dividem-se em dois grupos: lingüísticos e extralingüísticos com o objetivo de mostrar os contextos favoráveis e desfavoráveis à aplicação do fenômeno em estudo. Os dados analisados integram o corpus de duas cidades paraenses: Belém, a capital do Estado do Pará, e Itaituba. A coleta dos dados seguiu a orientação da Sociolinguística Variacionista. Os dados, oriundos do projeto Atlas Lingüístico do Pará (ALiPA), foram submetidos ao Programa de regra variável VARBRUL. Os resultados apontaram a haplogia como regra variável, entretanto, o fenômeno é pouco produtivo entre os informantes das duas cidades.

Palabras chave

Haplogia, sociolinguística, fonologia

Sumario

1. Introdução. 2. Metodologia. 2.1. Comunidades investigadas. 2.2. O Corpus. 2.3. Análise Multivariada. 2.4 Grupos de fatores controlados. 3. Análise e discussão dos resultados. 3.1. Grupos selecionados. 3.1.1. Classe de palavras da sílaba elidida. 3.1.2. Estrutura silábica. 3.1.3 Qualidade da vogal. 3.1.4. Relação entre palatalização e haplogia. 3.1.5 Tonidade das sílabas confinantes. 3.1.6. Variável escolaridade. 3.1.7. Variável sexo. 3.2. Síntese dos resultados. 4. Considerações Finais.

Abstract

This paper examines the phenomenon of haplogia in people's spontaneous speech in Pará. In particular, the study looks at what we call syntactic haplogia. It only looks at contexts with /t/-/d/, /d/-/d/, /t/-/t/ and /d/-/t/ sequences such as *la(du) dʒi fora*, *per(tu) du*, *a gen(tʃi) tʃinha medu* and *tu(du) tʃinha*. The factors evaluated are divided into two groups: linguistic and extralinguistic, following the stratification proposed in the Atlas Lingüístico do Pará (ALiPA) project, from which the data were taken. The data analysed consist of the corpus for the two towns of Belém, the capital of Pará, and Itaituba, and were processed by the variable rule program VARBRUL. The results indicate that haplogia is a variable rule, but the phenomenon is not very productive among informants from the two towns.

Keywords

Haplogia, sociolinguistics, phonology

Contents

1. Introduction. 2. Methodology. 2.1. Communities investigated. 2.2. The corpus. 2.3. Multivariate Analysis. 2.4. Groups of controlled factors. 3. Analysis and discussion of results. 3.1. Selected groups. 3.1.1. Word class of the elided syllable. 3.1.2. Syllabic structure. 3.1.3. Vowel quality. 3.1.4. Relationship between palatalization and haplogia. 3.1.5 Stress in neighboring syllables. 3.1.6. The variable of educational background. 3.1.7. The gender variable. 3.2. Summary of results. 4. Final considerations.

1. INTRODUÇÃO

A manifestação de ocorrência do fenômeno da haploglia acompanha o processo de variação linguística do qual, nós, falantes da língua portuguesa, fazemos parte. No português arcaico, a haploglia se fez presente não somente no nível fonético e fonológico, mas também, no nível morfológico. Tanto é verdade que palavras como *bondadoso* e *idololatria*, passaram a *bondoso* e *idolatria*. São exemplos como esses que fazem Coutinho (1976: 148) definir haploglia “como uma espécie de síncope especial que consiste na queda de uma sílaba idêntica ou quase idêntica na mesma palavra”. Williams (1981: 119), ao tratar de fenômenos fonológicos que vão do latim à construção do português, foi outro autor a constatar a ocorrência da haploglia no interior de palavras: “venditam>vendida>venda”. Mas evidenciou também a *haploglia sintática* no português dialetal e popular, como em *Madre de Deus* que com a aplicação da haploglia, passara a *Madre Deus* (popular).

No português brasileiro (doravante PB) contemporâneo, *falado na Amazônia*, a haploglia mais uma vez se faz presente como variante linguística, quando ocorre entre palavras que tenham sílabas confinantes idênticas ou parecidas, o que ocasiona o apagamento da sílaba átona final da primeira palavra, como em *ladu di dentru* que passa a *la(du) di dentru* com a ocorrência do fenômeno. Neste caso, houve apagamento total da sílaba átona (*du*), por estar confinante a (*di*), as duas consideradas sílabas parecidas, o que cria, portanto, o contexto favorável à aplicação da regra. As sílabas *du* e *di* são parecidas porque apresentam a mesma consoante, entretanto, as vogais não são idênticas, por este fato não podemos considerá-las sílabas idênticas, mas parecidas.

A haploglia é, portanto, um fenômeno linguístico que implica variação e consegue ao mesmo tempo, no momento de sua aplicação, estabelecer uma conexão com diferentes níveis da linguística, pois

No processo de produção desse fenômeno, há uma interação entre fonologia, morfologia e sintaxe, que fazem interface, interrelacionando o som (fonologia) emitido pelo falante, o segmento constituído pela forma (morfologia) e pela disposição das palavras (sintaxe) no enunciado. Na haploglia há uma ressilabificação do segmento em sua sonoridade, na forma lexical e na organização sintagmática. Por isso, a haploglia ocorre nas interfaces sintática, morfológica e fonológica porque há uma reestruturação entre as palavras na frase, modificando a estrutura desses três níveis no segmento envolvido no processo. Nesse contexto, o sintagma se reduz, sem alterar o sentido denotativo do enunciado (Mendes 2009: 20).

Ao caracterizar a ocorrência da haploglia como se fosse uma matiz, não de cores, mas de interações, entre a fonologia, a morfologia e a sintaxe, Mendes (2009) nos ajuda a esclarecer que a aplicação desse fenômeno está intrinsecamente ligada a esses três níveis e, não somente à fonologia, como poderia se pensar. Reforça que a haploglia não ocorre de forma aleatória, mas na presença de restrições que contribuem para a aplicação da regra.

Tudo isso faz com que a haploglia seja um fenômeno que pode ser investigado à luz tanto da fonologia, quanto à luz de qualquer outro pressuposto teórico-metodológico linguístico que dê conta de discutir e mostrar como ocorre a aplicação do fenômeno na língua.

Existem algumas pesquisas realizadas sobre haploglia nos dialetos do PB. O quadro 01 mostra um resumo de algumas pesquisas existentes na literatura brasileira até o momento, o objeto de estudo de cada autor e a natureza de cada estudo.

ORIGEM DOS DADOS	AUTORES	TEMA	NATUREZA
PB	Alkmin e Gomes (1982)	Haplogia nos contextos /t/ e /d/	Fonológica
PB	Tenani (2002)	Haplogia nos contextos /t/ e /d/	Fonológica
Porto Alegre-RS	Battisti (2004)	Haplogia sintática com /t/ e /d/	Usa dados Sociolinguísticos, mas pauta-se na Teoria da Otimidade, portanto, é considerada de natureza fonológica
Porto Alegre- RS	Battisti (2005)	Haplogia nos contextos /t/ e /d/	Sociolinguística
São Paulo e São José do Rio Preto- SP	Pavezi (2006)	Haplogia nos contextos /t/ e /d/ e outros	Fonológica
Capivari- SP	Leal (2006)	Haplogia nos contextos /t/ e /d/ e outros	Fonológica
Belo Horizonte-MG	Mendes (2009)	Haplogia em contextos /t/ e /d/ e outros	Sociolinguística e Fonológica (Teoria da fonologia Prosódica, Teoria Autossegmental; e Teoria Métrica)
PB	Prado (2010)	Haplogia em nomes deverbais envolvendo o sufixo -ção	Morfofonológica
Itaúna-MG	Oliveira (2012)	Haplogia em contextos /t/ e /d/	Sociolinguística
Bagé-RS	Simioni e Amaral (2012)	Haplogia sintática com /t/ e /d/	Sociolinguística
Itaituba-PA	Paz e Oliveira (Em preparação)	Haplogia nos contextos /t/ e /d/	Sociolinguística

Quadro 01. Haplogia no Português Brasileiro

O quadro 01 é reduzido porque, até o momento, foram poucos os estudos realizados sobre a haplogia no PB. A maioria deles foi de natureza fonológica. Estes realizados por: Alkmin e Gomes (1982), Tenani (2002), Battisti (2004), Leal (2006), Pavezi (2006). Os de natureza Sociolinguística Variacionista foram somente quatro: Battisti (2005), Oliveira (2012), Simioni e Amaral (2012) e Paz e Oliveira (em preparação). Prado (2010) optou por tratar o fenômeno como morfofonológico e Mendes (2009) com base na fonologia e sociolinguística.

Poucos foram os estudos realizados sobre a haplogia no PB. No estado do Pará, este é o segundo que envolve a cidade de Itaituba¹ e o primeiro que investiga o fenômeno na capital, Belém. Além de descrever o fenômeno neste estado, pretendemos, por meio deste estudo, contribuir para a descrição e registro do falar paraense.

Descrevemos a ocorrência do fenômeno da haplogia no falar paraense a partir dos dados de fala espontânea coletados por meio de narrativas que fazem parte do Projeto Atlas Linguístico do Pará (ALIPA). O fenômeno é observado à luz da sociolinguística variacionista, que considera *fatores internos e externos*. A *haplogia sintática* é analisada em contextos formados somente pelas oclusivas alveolares /t/ e /d/. A exemplo: *gen(ti) tinha*. As sílabas destacadas trazem a oclu-

¹ Paz e Oliveira (em preparação).

siva surda /t/. Nesse caso, a sílaba átona final da primeira palavra, *ti*, cai, por haver confinante a ela uma sílaba idêntica pertencente à segunda palavra do contexto analisado.

2. METODOLOGIA

2.1. Comunidades investigadas

Como foi dito, avaliamos a aplicação do fenômeno da haploglia em duas cidades paraenses, a saber: Belém, capital do estado, e Itaituba.



Figura 01: Localização dos municípios de Itaituba e Belém

As duas cidades paraenses localizam-se em duas regiões díspares do estado do Pará. Itaituba pertence à região Sudoeste e Belém à região Norte. A escolha destas duas cidades se justifica no sentido de avaliar a aplicação do fenômeno da haploglia no território paraense em uma capital (Belém) e uma cidade mais afastada do centro urbano do estado (Itaituba), com históricos bastantes diferentes. Esta última foi escolhida por apresentar entre seus habitantes imigrantes de outras partes do Brasil, o que pode influenciar a aplicação da haploglia.

2.2. O corpus

O corpus desta pesquisa é constituído por 33 (trinta e três) narrativas que pertencem a um corpus maior, Projeto Variação e mudanças linguísticas: o Atlas Geossociolinguístico do Pará, que visa à construção do Atlas paraense, o ALIPA (cf. Razky, org. 2003). Portanto, as estratificações sociais dos informantes que compõem esta pesquisa obedecem aos critérios estabelecidos pelo projeto. As narrativas dividem-se em dois grupos: 17 (dezesete) são referentes aos informantes da cidade de Itaituba e 16 (dezesesseis) concernentes à cidade de Belém.

Trabalhamos com informantes nascidos e criados nas cidades de Belém ou de Itaituba. Seus genitores, ou pelo menos um deles, também apresentam os mesmos critérios de naturalidade e localidade de criação do filho.

2.3. Análise Multivariada

Neste trabalho será utilizada uma análise multivariada, ou seja, análise em que é levada em consideração não só a atuação de um fator sobre a variável dependente, mas o efeito de diversos fatores sobre ela, bem como a significância desse efeito. Assim, o peso relativo de cada fator a ser apresentado nas tabelas que seguem corresponde à atuação de determinado fator sobre um valor da variável; é resultado de testagem individual dos fatores, grupos, bem como das combinações que há entre eles. Seu valor recai sobre os valores de 0-1, em que zero indica a não aplicação da variante e 1 sua aplicação. Ele refere-se ao efeito do fator em relação ao *input*, nível geral de uso de uma dada variante.

Esse modelo estatístico foi escolhido para esta pesquisa, porque se apresenta mais adequado e completo para a análise de dados linguísticos, já que, diferentemente de um modelo univariado, como, por exemplo, os que se baseiam só no simples cálculo de frequências, dá conta de corrigir, inclusive, a distribuição irregular de dados nas células, visto que não se pauta em valores brutos, mas numa equação logística que modela a frequência de uso de uma variante quando um dado fator se fizer presente num contexto de fala (Cf. Guy / Zilles 2007). Além disso, o modelo opera com efeitos de significância, considerando diversas variantes intervenientes, o que não faz a análise que se pauta apenas em frequências. Assim, não é o simples cálculo das frequências e números brutos de dados que são levados em consideração para emissão dos pesos relativos. Um procedimento mais complexo e, por isso, mais adequado à análise de dados complexos é realizado. Daí sua adequação à análise de dados de variação.

2.4. Grupos de fatores controlados

Controlamos dois tipos de variáveis: linguísticas e sociais. Os grupos de fatores internos são: Relação entre palatalização e haplogia; Qualidade das vogais²; Classe de palavra da sílaba elidida; Tonicidade das sílabas confinantes; e Estrutura silábica. No que se refere aos fatores externos, analisamos: Sexo, Faixa etária, Escolaridade e Procedência do informante.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção serão apresentados e discutidos os resultados estatísticos obtidos nas rodadas realizadas no IVARB, programa computacional que fornece os pesos relativos referentes a cada grupo de fatores que serão avaliados à luz da Sociolinguística Variacionista.

Foram realizadas rodadas binárias com o objetivo de verificarmos a aplicação e não aplicação do fenômeno da haplogia, representadas por presença <h> versus ausência de haplogia <n>, nos diferentes grupos de fatores investigados. A margem de erros do programa representada pelo Threshold é de .50. O programa trabalha somente com valores de pesos relativos que estão dentro desta margem de erros. Portanto, os pesos relativos acima de 0.50 são favoráveis à aplicação da regra. Os valores abaixo de 0.50 desfavorecem estatisticamente a ocorrência do fenômeno.

Os resultados fornecidos pelo pacote de programa VARBRUL nos mostraram que a frequência do fenômeno da haplogia foi de 15% dos 2.138 dados analisados, isto é, ocorreu haplogia em 327 dados. A não ocorrência do fenômeno apresentou 85% de frequência. Esses resultados podem ser visualizados no gráfico 01.

² Vogais idênticas: são aquelas que apresentam todos os traços iguais, em relação à altura e recuo da língua; o exemplo 01 mostra o par /u/ /u/, ambas altas posteriores (*apilidudu*). Vogais parecidas: precisam apresentar somente um traço em comum, seja de avanço ou recuo, seja de altura (*direitudi*). Vogais diferentes: não apresentam semelhança quanto aos traços de avanço e recuo, ou de altura.



Gráfico 01. Aplicação versus não aplicação da haplologia no falar paraense

Os percentuais apresentados no gráfico 01 mostram que a aplicação da haplologia é consideravelmente menos frequente que sua não aplicação. Isso evidencia que o fenômeno é pouco produtivo no falar dos paraenses. Mas isso não deve causar estranheza, pois como se discutirá mais adiante, a ocorrência do fenômeno em estudo está ligada a várias restrições.

Quando da rodada no programa de regra variável, obtivemos a média global de aplicação de 15%. É a partir dessa média que será indicada a previsibilidade e relevância de cada um dos contextos avaliados na aplicação da regra, ou seja, os contextos que apresentarem resultados abaixo desta média serão provavelmente considerados não favorecedores da haplologia, enquanto os que apresentarem valores acima dela, serão, possivelmente, favorecedores, ou seja, receberão peso relativo igual ou superior a .50.

No que se refere à probabilidade de aplicação do fenômeno o input³ contabilizou o peso relativo igual a .12, o que confirma mais uma vez a baixa probabilidade de aplicação do fenômeno nos dados analisados. Cabe ressaltar, entretanto, que por mais que o índice de aplicação da regra não apresente input alto, a haplologia no falar dos itaitubenses e dos belenenses pode ser considerada uma regra variável, porque se registra em alternância com outras formas, como por exemplo, *dentru dʒi*, *dentu dʒi* e *den(tu) dʒi*. Essas três formas foram usadas por informantes desta pesquisa. Na primeira e na segunda, não há aplicação do fenômeno, enquanto que na terceira há.

Foram submetidos ao programa de regra variável nove grupos de fatores, entretanto, o stepdown⁴ apontou dois deles como não relevantes: faixa etária e procedência. O stepup⁵ selecionou sete grupos. De acordo com a ordem, os grupos selecionados foram: escolaridade, classe de palavra da sílaba elidida, estrutura silábica, qualidade da vogal, relação entre palatalização e haplologia, sexo e tonicidade. Ressalta-se que os grupos selecionados foram diferentes dos não selecionados, o que indica que o controle dos grupos de fatores foi realizado adequadamente, ou seja, não há entre eles inviesamento ou superposição.

Todos os grupos linguísticos avaliados foram selecionados pelo programa de regra variável. Dos 4 (quatro) grupos de fatores externos apenas 2 (dois) foram selecionados: escolaridade e sexo. Apresentaremos, a seguir, os resultados referentes a cada um desses grupos⁶.

³ Índice geral que mede a aplicação da regra que está sendo avaliada pelo programa.

⁴ Com base em parâmetros estatísticos, seleciona nas rodadas os grupos de fatores não significantes para análise.

⁵ É o processo inverso ao stepdown. Aponta os grupos relevantes para análise.

⁶ A pesquisa mais completa sobre o fenômeno faz avaliação dos grupos não selecionados, pois, a partir de sua análise, pode-se inferir porque não foram selecionados.

3.1. Grupos selecionados

Apresentamos nas seções seguintes os grupos de fatores selecionados divididos em dois sub-grupos: linguísticos e sociais. Avaliamos cinco grupos linguísticos. Todos foram estatisticamente considerados relevantes para a aplicação da regra. As probabilidades de aplicação do fenômeno da haplologia em cada um deles serão expostas a seguir.

3.1.1. Classe de palavra da sílaba elidida

Os resultados da rodada principal no VARBRUL apresentaram a classe de palavra da sílaba elidida como o primeiro grupo linguístico selecionado. Os pesos relativos referentes a este grupo apontaram duas classes como favorecedoras da haplologia: os verbos e os substantivos, que podem ser encontrados em expressões como *ven(du) televisão* e *vonta(dʒi) dʒi istudá*, respectivamente. Os dois exemplos evidenciam o apagamento da sílaba átona final da primeira palavra do contexto avaliado. A primeira palavra, *ven(du)*, pertence à classe dos verbos e a segunda, *vonta(dʒi)*, à classe dos substantivos. O peso relativo de cada classe está disposto na tabela 01.

FATORES	Aplic./Total	%	P.R.	Exemplos
Pronome	23/314	7	.31	Gen(tʃi) tʃinha
Advérbio	97/488	20	.50	La(du) daquela
Verbo	95/371	26	.69	Ven(du) televisão
Substantivo	109/701	16	.52	Vonta(dʒi) dʒi istudá
Adjetivo	2/57	4	.21	Buni(tu) também
Total	326/1931	17	.	-
Input: 12	-	-	-	Significance = .000

Tabela 01. Classe de palavra da sílaba elidida⁷

Pronomes e adjetivos não foram favoráveis à aplicação da regra. Aquela apresentou peso igual a .31 e esta .21. Esses resultados indicam que a regra tem baixa probabilidade de aplicar-se nessas classes. Já o advérbio, por apresentar peso relativo igual a .50, confirma sua neutralidade em relação ao fenômeno, ou seja, não pode ser considerado favorável nem desfavorável à aplicação da regra. *Gen(tʃi) tʃinha* e *buni(tu)* são dados que representam as classes gramaticais não favoráveis. No primeiro, tem-se a presença de um pronome na palavra da sílaba elidida e, no segundo, tem-se a presença de um adjetivo. Um exemplo de advérbio figurando nesta posição é *la(du) daquela*. Todos esses dados evidenciam a ocorrência do fenômeno da haplologia na sílaba da palavra elidida com a classe pronome, adjetivo e advérbio. Entretanto, estatisticamente, não podem ser consideradas classes favorecedoras para a produção do fenômeno dado o peso relativo que receberam.

Ainda neste grupo de fatores, os resultados estatísticos mostram que .69 foi o maior peso relativo da análise quantitativa. Este valor corresponde à classe dos verbos e os torna, portanto, a classe mais favorecedora ao emprego do fenômeno. Os substantivos também são favorecedores, entretanto, apresentam peso relativo igual a .52. Ao compararmos os pesos relativos das classes verbos e substantivos, observamos que os substantivos apresentam índice baixo de significância em relação aos verbos. Isto indica que por mais que os substantivos sejam favorecedores à aplicação da haplologia, a probabilidade de aplicação é bem inferior à dos verbos. A classe dos substantivos está bem próxima do ponto neutro (.50), e pode ser consi-

⁷ Em todas as tabelas, exceto na Tabela 01, os totais são os mesmos: 327 dados em que se detecta a aplicação da haplologia sobre um total de 2.138 dados. No entanto, a Tabela 01 apresenta um total de 1.931 dados. Aponta-se a aplicação do fenômeno em somente 326. Essa diferença na apresentação dos números de aplicação (326) e do número total (1.931) em relação às demais tabelas é justificável. Foram suprimidos os fatores numeral e preposição especificamente no grupo classe de palavra da sílaba elidida, aos quais correspondia um total de 207 dados. Estes fatores foram retirados por apresentarem efeito categórico e uma única aplicação da regra, respectivamente.

derada, no que se refere à relevância para a aplicação da haplogogia, assim como a classe dos advérbios (.50)⁸, muito próxima do índice neutro. Talvez a quantidade de dados das classes verbo e substantivo possa indicar isso. Enquanto a primeira tinha um total de 371 dados, a segunda apresentou praticamente o dobro, 701, e apresentou menos ocorrência de haplogogia do que a primeira. Cabe ressaltar que a alta frequência de verbos no corpus está ligada à sua natureza. Os dados foram retirados de narrativas orais, gênero em que verbos são muito produtivos.

Segundo Mendes (2009), a aplicação da haplogogia não compromete a categoria gramatical das palavras, nem a sintaxe da estrutura em questão. Por mais que haja apagamento da sílaba em uma palavra do contexto de haplogogia, essa continuará a ser um verbo, um substantivo, ou qualquer uma das classes que acabamos de mencionar, visto que sua funcionalidade se mantém no contexto exercendo a mesma força de palavras completas, inalteradas. De fato, a ocorrência do fenômeno não afeta a autenticidade da morfologia que consegue estabelecer relação com a fonologia e a sintaxe (cf. Halle e Marantz 1993 apud Mendes 2009: 35).

Utilizando-se das afirmações de Halle e Marantz (1993) e dos resultados de sua pesquisa, Mendes (2009) comprovou a ocorrência do fenômeno em diferentes estruturas morfossintáticas, entretanto, como a sua pesquisa não era sustentada por pressupostos teóricos metodológicos quantitativos, não destacou a classe gramatical dos que mais favoreciam a haplogogia no falar belorizontino. Sendo assim, compreende-se que ela generaliza o não comprometimento de significância linguística do contexto em que se tem haplogogia a qualquer estrutura morfossintática encontrada em sua pesquisa.

Corroboramos as afirmações dos autores, mas ressaltamos, com base nos nossos resultados, que a própria estrutura sintática de um determinado contexto pode fazê-lo compreensível, mesmo quando este passou fonologicamente por um processo de apagamento de uma ou mais estruturas segmentais. Na língua portuguesa, a exemplo, fonemas podem ser suprimidos ou apagados não ocasionando mesmo assim nenhum comprometimento à comunicação, porque a própria estrutura sintática do contexto permite ao falante inferir sobre o significado do que está sendo dito. Um exemplo disso é o apagamento do /r/ em final de palavra como em *vou falá a verdade*, para *vou falar a verdade*, em que a estrutura silábica recupera a funcionalidade do [r] suprimido (cf. Oliveira 2002). Mas em alguns casos, ressaltamos, há possibilidade de comprometimento de significação que pode estar ligada diretamente a determinadas estruturas sintáticas. Isto talvez justifique a baixa ocorrência da haplogogia em alguns contextos.

Os resultados apresentados na tabela 01, referentes à classe de palavra da sílaba elidida que indicam os verbos como os contextos em que mais se apagam a sílaba átona final, sinalizam a compreensão implícita na estrutura do contexto. A aplicação da regra da haplogogia se deu, na sua maioria, quando se tinha:

Verbos na primeira ou terceira pessoa.

- (1a) - gos(ta) dʒi (verbo + preposição)
- (1b) - an(du) dʒi (verbo + preposição)
- (1c) - gos(tu) dessa (verbo + contração de preposição e pronome)
- (1d) - po(dʒi)dexá (verbo + verbo)
- (1e) - can(tu) tʃiagu (verbo + substantivo)
- (1f) - ba(tu) também (verbo + advérbio)

⁸ Apesar de advérbio receber frequência 20% e Peso Relativo (PR) igual a .50, e o substantivo 16% e .52, vale ressaltar que esta diferença está dentro da margem da permissão estatística. Esses dados indicam que algum grupo de fator deve estar inflacionando o fator substantivo. Cruzamentos posteriores serão realizados para determinar a possível sobreposição. Com base numa avaliação inicial suspeita-se que a estrutura da sílaba seja responsável por essa sobreposição.

Os verbos em terceira pessoa apresentaram baixa produção enquanto os de primeira foram bem mais frequentes.

Verbos nas formas nominais gerúndio e particípio.

- (2a) - sain(du) dži (verbo + preposição)
- (2b) - trabalhan(du) ta(verbo + verbo)
- (2c) - ven(du) televisão (verbo + substantivo)
- (2d) - elimina(du) da (verbo + preposição)
- (2f) - muda(du) dżimais (verbo + advérbio)
- (2g) - jogan(du) dendu (verbo + advérbio)

Os verbos no gerúndio apresentaram frequência consideravelmente maior do que os do particípio. Tanto em a quanto b a produção da haplogia ocorreu mais frequentemente quando se tinha as estruturas morfossintáticas: verbo seguido de preposição ou contração de preposição (com pronome ou advérbio), conforme exemplificado em (1a), (1b) e (1c); e (2a) e (2d). Já as estruturas sintáticas representadas pelos exemplos (1d), (1e) e (1f); (2b), (2c), (2f) e (2g), nos quais os verbos eram seguidos de outras classes diferentes das preposições ou suas contrações, apresentaram somente oito (8) ocorrências da haplogia. O fato de os verbos terem apresentado essas estruturas morfossintáticas parece sinalizar, além da probabilidade de aplicação da regra, a compreensão de que estruturas desse tipo configuram menos prejuízo linguístico para o falante da língua quando se tem apagamento de alguns elementos, por isso favorecem mais a regra da haplogia do que outras estruturas sintáticas.

Os resultados referentes às estruturas formadas por verbos que obrigatoriamente precisavam de complemento como, por exemplo, a preposição, seja na primeira ou terceira pessoa, seja nas formas nominais particípio ou gerúndio, deixam claro que estruturas desse tipo são as que apresentam menos prejuízo semântico. Por mais que haja o apagamento da sílaba *tu* em *gostu du*, por exemplo, não há alteração no sentido do verbo e de seu complemento na forma *gos(tu)du*. O complemento desse verbo, a preposição, ajuda na compreensão do que está sendo dito. Além disso, é notório que o falante não precisa ouvir exatamente todos os componentes sonoros de uma determinada frase para compreendê-la, pois a estrutura linguística pode dar-lhe pistas sobre o contexto materialmente ausente.

Diante dos resultados expostos, acredita-se na possibilidade de existir uma escala de estruturas morfossintáticas que trazem menor ou maior prejuízo linguístico semântico quando há aplicação da regra de haplogia. Obviamente, isso é tarefa para outra pesquisa, talvez de cunho estritamente morfossintático. Aqui, limitamo-nos à apresentação de uma breve discussão da relação entre haplogia e perda ou não de conteúdo informacional, tomando por base o comportamento do fenômeno em algumas estruturas que se apresentavam com verbos. Essa breve avaliação das estruturas mencionadas nos leva a instituição de uma hipótese conclusiva que pretende que não é exatamente a classe de palavras que determina a aplicação ou não da haplogia, mas a estrutura sintática em que essas classes se encontram. No sentido de confirmar essa hipótese, instituiremos, em estudo futuro, novo grupo de fatores nos quais as diferentes estruturas sintáticas figurem como grupos a serem avaliados.

Por fim, resta dizer que o resultado relativo a advérbios, substantivos e, especialmente, aos verbos, devem ser considerados elevados por conta do baixo input, .12, e média, 15%, obtidos para a haplogia.

3.1.2. Estrutura silábica

Este grupo foi o segundo selecionado pelo programa de regra variável. A estrutura silábica das sílabas envolvidas foi avaliada em dois contextos: CV – CV e C(C)V – C(C)V. O segundo grupo tinha alternadamente, o /r/ figurando como segundo elemento consonantal das sílabas envolvidas no processo de aplicação da haplologia. A tabela 02 apresenta os pesos relativos fornecidos pelo programa de regra variável.

FATORES	Aplic./Total	%	P.R	Exemplos
CV – CV	277/1985	14	.48	La(du) dʒi fora
CCV - C(C)V	50/153	33	.77	Den(tru) da mamadeira
Total	327/2138	15	-	-
Input: .12	-	-	-	Significance = .000

Tabela 02. Estrutura silábica

Dos fatores avaliados expostos na tabela 02, o contexto que apresentou consideravelmente maior relevância probabilística para a aplicação da regra foi o de estrutura silábica C(C)V – C(C)V, grupo que recebeu peso relativo igual a .77. O outro grupo, estrutura silábica CV – CV, pode ser considerado relativamente não favorável à aplicação da haplologia, pois apresentou peso relativo igual a .48, o que demonstra baixo índice de probabilidade de ocorrência do fenômeno em estruturas desse tipo. Dizemos relativamente porque esse índice poderia ser considerado neutro. O número total de 1.985 dados referentes a este contexto, exemplificado por *la(du) dʒi fora* é expressivamente maior do que o número total de dados do outro contexto de estrutura silábica que apresentou 153 dados e tem como exemplo *den(tru) da mamadeira*. Isso pode ter tido influência sobre esses resultados. Apesar de apresentar quantidade de dados mais elevada, o contexto CV – CV apresenta peso relativo muito próximo da neutralidade, por isso também é pertinente considerá-lo como neutro, já que a distância do ponto neutro é de 2 (dois) pontos e por conta, também, da média geral.

Entretanto, os resultados obtidos ainda nos causavam certa curiosidade por conta do peso relativo elevado para CCV. Ora, se não importava a estrutura, quando há desconstrução silábica, então outro fator poderia estar inflacionando os dados do grupo CCV. Avaliamos que outros fatores tinham recebido alto peso relativo nas rodadas no sentido de averiguar se eles compunham o grupo CCV. Assim, criamos um subarquivo com todos os dados de CCV, ou seja, um arquivo com 153 dados. Desses, apenas um referia-se a verbo (mostra). Isso indicava que não era essa classe que estava inflacionando os índices da estrutura CCV. Procuramos, assim, contabilizar os demais vocábulos que compunham esses dados. O resultado é bastante elucidativo. Dos 50 dados em que houve haplologia, verificamos que 93% correspondiam ao vocábulo dentro. Tínhamos encontrado o contexto que inflacionava o contexto CCV. São exemplos: *den da casa*, *den da igreja*, para *dentro da casa*, *dentro da igreja*, respectivamente. Tal qual ocorre em relação ao verbo, não há prejuízo informacional quando da queda da sílaba átona final da primeira palavra que forma o contexto da haplologia, o que favorece significativamente sua aplicação.

Mas os resultados obtidos nos dizem mais sobre a atuação dessas estruturas sobre a haplologia. Claramente, não importa se temos um ou outro tipo de estrutura se C(C)V sofre desconstrução, obtendo-se a estrutura derivada CV, como explicitado a seguir.

Entendemos que para a ocorrência do fenômeno da haplologia em estruturas do tipo CCV – C(C)V, como em *den(tru) dʒi*, ocorre, primeiramente, a desconstrução do grupo consonantal, o que torna a sílaba propícia à queda, passando de CCV a CV, para, posteriormente, ocorrer apagamento total da sílaba, como se pode visualizar na figura 02.

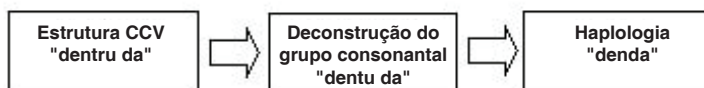


Figura 02. Desconstrução de grupo consonantal e haplogia

A figura 02 indica a aplicação da haplogia somente depois da desconstrução do grupo consonantal. Com essa desconstrução, temos uma estrutura silábica CV caracterizada por *dentu da* que, por conseguinte, com a aplicação da haplogia passa a *den(tru) da*. Isto confirma que, neste contexto, antes de haver ocorrência do fenômeno da haplogia, há, primeiramente, a desconstrução do grupo consonantal e que a estrutura C(C)V não inibe sua aplicação.

Esses resultados e entendimentos são corroborados também em Paz e Oliveira (em preparação):

...encontramos a aplicação do fenômeno exatamente com o apagamento de um grupo consonantal (*tru*), na frase *den(tru) di*. Isso pode ser considerado fator relevante para aplicação do fenômeno. Primeiro deve ter ocorrido a desconstrução do grupo consonantal que resultaria em *den(tu)* para, depois, ocorrer o apagamento total da sílaba (*tu*). Essa desconstrução pode ser encontrada em outro dado de fala, *per(tu) da ota*. Esse dado evidencia que a forma *ota* também é resultado da desconstrução de um grupo consonantal com a supressão de [r] (Paz / Oliveira 2012).

A desconstrução do grupo consonantal no contexto CCV pode ser considerada, com base na Teoria Variacionista, um processo de mudança linguística, resultante da transição de mudanças linguísticas. Segundo Labov (2008), tais mudanças podem ser vistas como encaixamento: "(...) O problema do encaixamento tem dois aspectos: a mudança é vista como encaixada numa matriz de outras mudanças (ou constantes) linguísticas, e também encaixada num complexo social" (Labov 2008: 326). Partindo desta afirmação, podemos considerar as ocorrências da haplogia em estruturas CCV, um caso de encaixamento, pois, para haver aplicação do fenômeno, nestes contextos, foi preciso, primeiramente, que houvesse sua desconstrução dele e, posteriormente, a queda total da sílaba átona. A haplogia ocorre, portanto, nestes casos, em uma matriz de mudança linguística, resultante de outras.

Do ponto de vista fonético-fonológico, a aplicação da haplogia nos contextos C(C)V pode ser definida como a ocorrência de um conjunto de regras ordenadas (cf. Oliveira 2007: 100), ou seja, uma regra linguística alimentando a ocorrência de outra, em outras palavras, regra que desencadeia contexto para a aplicação de outra regra.

3.1.3. Qualidade da vogal

Os pares de vogais que acompanham as consoantes das sílabas confinantes foram avaliados em três grupos instituídos: vogais parecidas, vogais idênticas e vogais diferentes. As vogais parecidas, apresentaram-se como grandes favorecedoras, com .68 de probabilidade de aplicação da regra. Os resultados estão dispostos na tabela 03.

FATORES	Aplic./Total	%	P.R.	Exemplos
Diferentes	114/951	12	.43	Ven(du) televisão
Idênticas	64/402	16	.31	fun(du) duma
Parecidas	149/785	19	.68	Passan(du) dʒi benevidi
Total	327/2138	15	-	-
Input: .12	-	-	-	Significance = .000

Tabela 03. Qualidade das vogais

Os pesos relativos correspondentes aos pares de vogais expostos na tabela acima, mostram que a haplologia em contextos de pares de vogais diferentes e pares de vogais idênticas⁹ desfavorecem a aplicação da regra, pois estes apresentaram pesos iguais a .43 e .31, respectivamente. A haplologia se apresentou no grupo vogais diferentes nos pares /u/ /e/, /u/ /a/, /i/ /a/, /u/ /ε/, /a/ /i/, conforme os exemplos que seguem.

- (1a) ven(du) televisão - (/u/ vogal alta posterior; /e/ vogal média alta anterior)
- (1b) den(tru) da - (/u/ vogal alta posterior; /a/ vogal baixa central)
- (1c) on(dʒi) ta - (/i/ vogal alta anterior; /a/ vogal baixa central)
- (1d) mari(du) dela - (/u/ vogal alta posterior; /ε/ vogal média baixa anterior)
- (1e) gos(ta) dʒi - (/a/ central baixa; /i/ vogal alta anterior)

Todas as vogais encontradas nos dados mencionados não apresentam nenhum traço em comum, no que se refere à altura e ao avanço e recuo da língua.

Pares do tipo /u/ /u/, /i/ /i/ e /a/ /a/, vogais idênticas, ocorreram em contextos como:

- (2a) fun(du) du. (/u/ vogal alta posterior)
- (2b) noi(tʃi) dʒi (/i/ vogal alta anterior)
- (2c) fes(ta) tava (/a/ central baixa)

Talvez a presença de vogais idênticas baixas tenha contribuído para a inibição da regra entre pares de vogais idênticas.

Porém, nos chamou a atenção o fato de as vogais idênticas serem mais desfavorecedoras que as vogais diferentes. Pensamos que talvez o resultado estivesse relacionado ao número de dados, pois aquelas ofereceram um número de dados menor, 402, em detrimento das vogais parecidas, 785 e diferentes, 951. As vogais parecidas consideradas as mais favoráveis à haplologia apresentam praticamente o dobro de dados das vogais idênticas. Os pesos relativos destas nos fazem pensar se realmente as vogais parecidas apresentariam o mesmo índice de aplicação, caso as idênticas apresentassem número equivalente. Mas essa especulação não dava conta, sozinha, de explicar esses resultados. Novamente, criamos um subarquivo com os dados das vogais parecidas, no sentido de verificar quantos dados com a combinação $a + a$ havia entre as vogais parecidas. Ao todo foram computados 98 dados para $a + a$. Desses, em apenas seis ocorria a aplicação da regra. Isso pode ter baixado a frequência e, conseqüentemente, a probabilidade de aplicação da regra no grupo vogais parecidas. Parece haver evidência de que contextos com estruturas idênticas ou semelhantes favorecem a aplicação da regra. A prova disso é que quando as vogais idênticas não apresentam os mesmos traços das consoantes envolvidas no fenômeno, a aplicação da haplologia cai. Por outro lado, a baixa aplicação da regra pode estar relacionada à natureza de [a]. As vogais baixas são mais proeminentes, mais soantes, por isso, menos propensas à supressão.

As vogais parecidas, representadas por pares /u/ /i/, /i/ /u/ e /i/ /e/, ocorreram em contextos do tipo:

- (3a) passan(du) dʒi benevidi (/i/ vogal alta anterior; /u/ vogal alta posterior)
- (3b) realida(dʒi)du. (/i/ vogal alta anterior; /u/ vogal alta posterior)
- (3c) gen(tʃi) depois. (/i/ vogal alta anterior; /e/ vogal média alta anterior)

⁹ Talvez ocorra o que já mencionamos anteriormente ao tratarmos de verbos e substantivos. Há possibilidades de algum grupo está inflacionando o peso relativo das vogais idênticas. Cruzamentos futuros poderão esclarecer esses resultados.

Primeiramente, cabe mencionar que a hipótese referida sobre a presença de vogais idênticas baixas terem contribuído para a inibição da regra se confirma, pois as vogais parecidas, grupo altamente favorecido, teve ocorrência do fenômeno com /i/ /u/, /u/ /i/ e /i/ /e/, isto é, com vogais altas ou média alta. Isso favoreceu sobremaneira a aplicação da haplogia. Esses resultados confirmam que a haplogia está ligada a atuação de desconstrução de estruturas parecidas ou idênticas. Essas vogais se assemelham às coronais /t/ e /d/ seja na altura, quando estas sofrem palatalização, seja no traço coronal.

Embora as vogais parecidas tenham apresentado maior probabilidade de ocorrência da regra em detrimento das vogais idênticas, não se pode dizer que isto nos causa surpresa. A semelhança existente entre os segmentos das sílabas envolvidas no processo podem ativar o Princípio de Contorno obrigatório (OCP)¹⁰, princípio linguístico que rege fenômenos como a haplogia, que, no momento de sua atuação, bane estruturas segmentais idênticas ou semelhantes. Para discussão quanto à identidade existente entre os segmentos parecidos, tomemos o dado *po(dʒi) tudu*. Neste caso houve aplicação da haplogia; os pares de vogais são considerados parecidos porque apresentam a mesma altura. Mas, ao observamos a sequência de segmentos formado pelas vogais e consoantes, /di-tu/, percebemos que os três primeiros segmentos /d/, /i/ e /t/, são todos coronais. Isto talvez interfira na produtividade da haplogia entre os segmentos parecidos, resultando em *po(dʒi) tudu*.

Para se ter resultados mais precisos, há necessidade de se proceder ao refinamento da análise. Pelo menos dois procedimentos seriam úteis. Um procedimento que pode ser realizado com os pares de vogais idênticas, parecidas e diferentes, no sentido de elucidar esses resultados, é um refinamento dos dados no qual se observe a atuação das vogais em cada contexto do grupo de fatores relação entre palatalização e haplogia (grupo que será apresentado na próxima seção). Em outras palavras, poderemos observar todos os pares de vogais nos diferentes contextos: palatalização total, palatalização parcial e não palatalização. A realização do cruzamento entre esses contextos pode nos mostrar um resultado similar ao que já encontramos ou diferente do exposto na tabela 03.

Mas há ainda outro procedimento que poderá ajudar a elucidar esses resultados. Trata-se do estabelecimento de outro grupo de fatores, quais sejam: vogais coronais, vogais labiais e vogais dorsais. Por meio do estabelecimento desse grupo, poderemos confirmar se a identidade entre os traços mencionados interfere sobre a haplogia e determinar qual o traço da vogal que de fato tem influência sobre o fenômeno. Nossa hipótese é que se as duas sílabas apresentam vogais que tem o traço coronal, a probabilidade da haplogia aumenta, já que teremos uma sequência de coronais¹¹.

3.1.4. Relação entre palatalização e haplogia

A relação entre palatalização e haplogia foi avaliada em três contextos formados pelas oclusivas alveolares surda e sonora, /t/ e /d/. São eles: palatalização total, palatalização parcial e não palatalização. Foram favoráveis à aplicação do fenômeno os pares de palatalização total e não palatalização. Os pesos relativos correspondentes a cada um dos contextos estão dispostos na tabela 04.

FATORES	Aplic./Total	%	P.R	EXEMPLO
Palatalização Parcial	163/1141	14	.39	gos(tu) dʒi
Palatalização Total	38/169	22	.81	po(dʒi) dʒizê
Não Palatalização	126/828	15	.57	fun(du) duma
Total	327/2138	15	-	-
Input: .12	-	-	-	Significance = .000

Tabela 04. Relação entre palatalização e haplogia

¹⁰ O OCP é um princípio linguístico que proíbe representações adjacentes idênticas. Ele guia ou reprime regras que impeçam representações violadoras (cf. Leben 1973).

¹¹ Esses procedimentos fazem parte de etapas previstas para continuação do estudo sobre haplogia em que se pretende realizar refinamento da análise.

A tabela 04 mostra que a regra é desfavorecida no contexto palatalização parcial, .39, exemplificado pelo dado *gos(tu) dzj*. Palatalização total, .81 e não palatalização, .57, apresentaram-se como favoráveis à haplogogia. Porém sobre estes dois últimos contextos é conveniente ressaltar que, quando se tem primeiramente a palatalização total das sílabas envolvidas, como no dado *po(dzj) dzizê*, o índice estatístico de probabilidade para a ocorrência da haplogogia é muito maior do que quando se tem a não palatalização, a exemplo, *fun(du) duma*. Isto evidencia que a regra de palatalização pode interferir positivamente na produção da haplogogia.

Quando se afirma a interferência da palatalização na ocorrência de um fenômeno como o que está sendo investigado aqui, tem-se, na verdade, a hipótese de que ela atua como regra alimentadora (conforme discutimos na seção 3.1.1, quando tratamos de estrutura silábica e haplogogia). A palatalização ocorre primeiramente para, depois, aplicar-se a haplogogia. Em casos como *a genti tinha*, o /t/, presente nas duas sílabas confinantes, palatalizou-se diante de /i/, resultando em *gentʃi tʃinha*. Após a ocorrência da palatalização, aumentou-se a sequência de estruturas segmentais idênticas confinantes, o que tornou a sílaba átona da primeira palavra, (tʃi) candidata à queda. O acúmulo de segmentos idênticos que apresentam traços idênticos por conta da aplicação da palatalização leva à atuação do OCP, no sentido de apagar uma das sílabas confinantes. Tem-se, portanto, depois de todo este processo, a forma a *gen(tʃi) tʃinha*, que caracteriza a aplicação da regra de haplogogia.

Mas é oportuno ressaltar que, antes da aplicação da regra de palatalização que alimenta a haplogogia, ocorre, primeiramente, um processo conhecido por elevação vocálica. No contexto *gente tinha*, tem-se uma oclusiva alveolar surda [t], seguida de uma vogal média anterior [e]. Esta sofre alteamento, realizando-se como alta anterior [i]. Diante disso, tem-se o contexto *genti tinha*, com elevação de /e/ para [i]. Isso cria contexto para aplicação da palatalização, já que no PB geralmente /t/ e /d/ palatalizam-se diante de /i/ (cf. Bisol 1996; Oliveira 2007). Após a palatalização ocorre a haplogogia, como mencionamos anteriormente.

Portanto, podemos dizer que, nos casos de elevação, em que se tem a palatalização e haplogogia, ocorre um ordenamento de aplicação das regras (cf. Oliveira 2007: 119), em que uma alimenta a aplicação da outra:

Há que se levar em consideração o ordenamento de aplicação das regras (...). Tem-se aqui um caso de ordenamento intrínseco: a regra de palatalização só se aplica depois da regra de elevação vocálica, caso contrário, não haverá contexto para sua aplicação.

Constata-se que a haplogogia se encaixa perfeitamente neste critério de ordenamento. Há alteamento de vogal, seguido de palatalização e, por último, haplogogia. A figura 03 retrata o ordenamento das regras alimentadoras que se aplicam antes da haplogogia, relacionando-a à atuação do OCP.



Figura 03. Ordenamento de regras

A figura 03 deixa evidente a atuação do OCP neste processo. Não se encontra no mesmo nível das regras dispostas, porque não se trata de uma regra, mas de um princípio. Ele é acionado,

neste caso, quando existem nas sílabas confinantes segmentos idênticos, portanto, atua depois da produção deles, neste caso, após a palatalização.

Mais uma vez, estas mudanças podem ser consideradas pela Teoria Variacionista como encaixamento de mudanças de estruturas linguísticas. Uma mudança encaixada na outra (ver 3.1.1). Pode-se afirmar, assim, que a elevação vocálica, a palatalização e a haplogia estão inseridas em uma matriz de variações linguísticas, assim como a aplicação da haplogia nos contextos de estrutura silábica CCV mencionados anteriormente.

Mas não esqueçamos de que a haplogia também foi favorecida nos contextos de não palatalização. Neste caso, a regra não seria considerada uma matriz de encaixamento, muito menos teria a mesma representação da figura 02. Para o contexto de não palatalização a aplicação do fenômeno poderia ser encarada de duas maneiras diferentes: com ou sem atuação do OCP. Um estudo à luz da fonologia e o refinamento dos resultados obtidos poderiam esclarecer melhor detalhes sobre como ocorre em contextos não palatalizados.

3.1.5. Tonicidade das sílabas confinantes

Este foi o último grupo de fatores a ser selecionado pelo VARBRUL. Neste foram avaliados dois contextos: átomo-tônico e átomo-átomo. O segundo contexto foi favorável à aplicação do fenômeno. Na tabela 05, estão dispostos os resultados.

FATORES	Aplic./Total	%	P.R.	Exemplos
átomo – tônico	79/834	9	.39	Mari(du) tá atrás
átomo – átomo	248/1304	19	.57	direi(tu) dʒi levá
Total	327/2138	15	-	-
Input: .12	-	-	-	Significance = .000

Tabela 05. Tonicidade das sílabas confinantes

Conforme se pode observar na tabela 05, o fator átomo-átomo foi mais suscetível à haplogia, pois apresentou peso igual a .57. Isto confirma que sílabas confinantes átonas apresentam maior probabilidade de aplicação da regra. O mesmo não ocorre quando temos a presença de sílabas confinantes átomo-tônico. Este fator apresentou peso relativo igual a .39, por isso, foi considerado não favorável à aplicação da regra.

Entende-se que, em contextos do tipo *mari(du) tá atrás*, átomo-tônico, a tonicidade da segunda sílaba do contexto avaliado *tá*, deve ser considerada favorável à permanência da sílaba átona que a precede *du*, desfavorecendo, assim, a aplicação da haplogia. Entretanto, a atonicidade das sílabas *tu* e *dʒi*, como em *direi(tu) dʒi levá*, torna-se favorável ao apagamento da primeira sílaba *tu*. Confirma-se, assim, que o apagamento da sílaba é mais recorrente quando se tem somente sílabas átonas confinantes. Isso leva a que apontemos a atonicidade das sílabas como favorecedora da haplogia. Novamente, podemos recorrer à atuação do OCP, visto que, nesse caso, temos estruturas idênticas no que se refere ao acento que as sílabas envolvidas na regra recebem, ambas átonas. Há, assim, sequências de estruturas idênticas adjacentes a considerar.

Passemos, agora, à apresentação das duas variáveis sociais selecionadas pelo IVARB: escolaridade e sexo. Vejamos os resultados fornecidos pelo programa a cada uma delas.

3.1.6. Variável escolaridade

Dentre todas as variáveis avaliadas, a escolaridade foi a primeira a ser selecionada pelo programa de regra variável. Dois contextos apresentaram-se como mais suscetíveis ao fenômeno, foram eles: não escolarizados e ensino fundamental. Na tabela 06, estão dispostos os resultados referentes a cada contexto.

FATORES	Aplic./Total	%	P.R.
Não escolarizados	155/662	23	.67
Ensino Fundamental	116/680	17	.57
Ensino Médio	56/796	7	.30
Total	327/2138	15	-
Input: .12	-	-	Significance = .000

Tabela 06. Escolaridade

A tabela 06 mostra que estatisticamente os não escolarizados (.67) e ensino fundamental (.57) foram favoráveis à aplicação da regra. As pessoas com escolaridade igual ao ensino médio (.30) apresentaram desfavorecimento da regra. O fato de os dois primeiros grupos serem suscetíveis à aplicação da regra leva a que afirmemos que quanto menor a escolaridade de um sujeito mais tendência terá a aplicar a regra de haplogogia e quanto maior o seu nível escolar, menos probabilidade haverá de sua aplicação. O gráfico 02 ajuda a visualizar essa proporcionalidade:

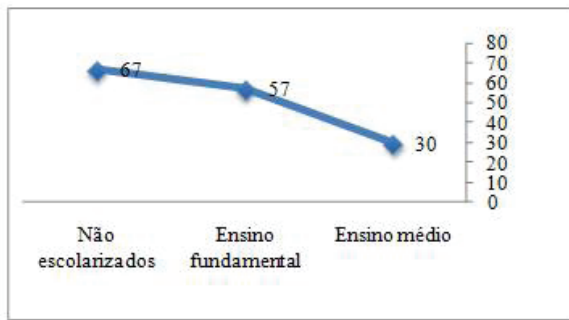


Gráfico 02. Índice da haplogogia em relação à variável escolaridade

Estatisticamente os resultados expostos no gráfico 02 mostram significativa relação entre escolaridade e haplogogia. Isto quer dizer que menos escolaridade exerce mais força sobre a haplogogia. Talvez o fator mais escolaridade contribua menos para a aplicação da regra porque solicita um cuidado maior com a fala.

3.1.7. Variável Sexo

De todos os grupos selecionados este foi o penúltimo. Avaliamos qual dos dois sexos, masculino ou feminino, eram mais favorável à aplicação da regra. Observemos os resultados na tabela 07.

FATORES	Aplic./Total	%	P.R.
Feminino	150/1300	12	.44
Masculino	177/838	21	.59
Total	327/2138	15	-
Input: .12	-	-	Significance = .000

Tabela 07. Sexo

Na tabela 07, podemos constatar que o fator feminino (.44) foi desfavorável à aplicação do fenômeno. Enquanto o masculino (.59) apresentou-se como favorecedor. Embora haja o favorecimento por parte de um grupo e o desfavorecimento por parte do outro, esta oposição entre os dois fatores é tímida. As pessoas do sexo feminino aplicam menos haplogogia, o que confirma o que já vem sendo comprovado por muitos estudos linguísticos: o sexo feminino, a depender do fenômeno de variação, faz mais uso da forma padrão do que as pessoas do sexo masculino.

Contudo, o total de dados, 1300, a frequência de 12% referente às mulheres (0.44) nos chamam a atenção por apresentar-se estatisticamente muito próximo da média geral de 15%.

Os resultados referentes a esse grupo de fatores corroboram alguns estudos sociolinguísticos realizados sobre a variável gênero/sexo, cuja constatação é a de que as pessoas do sexo feminino e as do sexo masculino falam de forma diferenciada quando se trata de determinados fenômenos. Segundo Labov (2008), as mulheres encabeçam o uso de variantes inovadoras nos processos de variação em progresso que contribuem para as mudanças linguísticas. Como a aplicação do fenômeno da haplogia não é favorecido pelas mulheres, não podemos considerá-la uma variação em progresso, embora a consideremos uma regra inovadora no falar paraense. Junte-se a isso o fato de apresentar média geral baixa, 15%, e baixo input, .12.

3.2. Síntese dos resultados

A partir das discussões realizadas até aqui sobre os resultados estatísticos de cada grupo de fatores fornecidos pelo IVARB, quanto à aplicação da haplogia, propomos um quadro que sintetiza esses resultados, seguido de algumas observações:

GRUPO DE FATORES SELECIONADOS	FATOR COM MAIOR PROBABILIDADE DE APLICAÇÃO DA HAPLOGIA
Escolaridade	Não escolarizados (.67)
Classe de palavra da sílaba elidida	Verbo (.69)
Estrutura silábica	CCV-C(C)V (.77)
Qualidade da vogal	Parecidas (.68)
Relação entre palatalização e haplogia	Palatalização total (.81)
Sexo	Masculino (.59)
Tonicidade	Átono-átono (.57)
GRUPO DE FATORES NÃO SELECIONADOS	PROBABILIDADE DE APLICAÇÃO DA HAPLOGIA
Faixa Etária	Não há diferença estatística entre as faixas etárias
Procedência	Não há diferença estatística entre as duas cidades

Quadro 02. Síntese dos resultados

O quadro 02 mostra todos os grupos de fatores submetidos ao IVARB, bem como os grupos de fatores selecionados e não selecionados, além dos fatores que apresentaram maior probabilidade de aplicação da regra. Tem-se, então, que o fenômeno da haplogia é mais favorecido no falar paraense quando se considera os grupos selecionados:

- no falar de pessoas não escolarizadas e do sexo masculino;
- na classe de verbos;
- na estrutura silábica que apresenta a forma C(C)V;
- nos pares de vogais parecidos;
- nas sílabas confinantes que apresentam palatalização total;
- nas sílabas envolvidas que apresentam atonicidade.

Os grupos de fatores não selecionados, faixa etária e procedência, não apresentam diferenças estatísticas significativas entre os seus fatores, portanto, não são considerados relevantes. Os fatores que os compõem apresentam comportamento similar e quase sobreposto à média geral. Em outras palavras, para aplicação da regra, não importa a procedência do falante nem sua idade.

Mas antes de concluirmos essa discussão, cabe fazer mais uma observação sobre o resultado do grupo estrutura silábica. O resultado nos diz que, para a aplicação da haplogogia, não importa se se tem a estrutura CV ou CCV, se a estrutura silábica for desconstruída no sentido de CV. Isso nos diz também que o fenômeno não ocorre na estrutura CCV, mas em C(C)V.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da haplogogia nas duas cidades paraenses, Itaituba e Belém, mostraram que o fenômeno é de pouca produtividade entre os informantes nativos das cidades. Mesmo assim, a haplogogia pode ser considerada uma regra variável. No que se refere à análise linguística, contou-se que a palatalização também pode ser considerada alimentadora da haplogogia. Do ponto de vista fonético-fonológico, tanto a palatalização quanto o alteamento da vogal quanto a desconstrução do grupo consonantal, de outra parte, podem ser considerados regras alimentadoras da haplogogia. Nos Pressupostos da Sociolinguística Variacionista, teríamos um processo de encaixamento.

Deve haver um princípio que demande a grande produção do fenômeno nos pares de vogais parecidas em detrimento das idênticas. Ou ainda, como já mencionamos anteriormente, deve existir um traço de semelhança entre as vogais e a consoante da sílaba que cai. Assim, podemos pensar na proeminência de vogais baixas, desfavorecendo a regra, e a presença de vogais altas e, mais especificamente coronais, favorecendo-a.

A atonicidade nas sílabas confinantes também é relevante para a aplicação da haplogogia. Por conta das estruturas idênticas que as sílabas átonas confinantes apresentam, o OCP deve ser ativado no sentido de desconstruí-las, motivando, assim, a regra. Os resultados relativos à classe de palavras nos levam a supor que não é necessariamente a classe de palavras que atua na aplicação da regra, mas as estruturas nas quais essas classes se encontram. Acredita-se que nas estruturas que apresentam verbos, quando esses são elididos, ocorre menor prejuízo informacional, o que motiva a regra.

Os contextos externos avaliados mostraram que apesar de as cidades localizarem-se em regiões distantes uma da outra, não há diferença estatística significativa na aplicação da regra nas regiões Sudoeste e Norte do Pará. Tanto é verdade que o grupo de fator procedência não foi selecionado pelo programa estatístico VARBRUL.

Houve favorecimento da haplogogia no falar de informantes não escolarizados e do sexo masculino. Talvez, isso indique que não se tem uma regra inovadora e que a regra não guarde prestígio.

Os resultados desta pesquisa, expostos até aqui, proporcionaram a descrição do fenômeno da haplogogia no falar de informantes nativos paraenses. As primeiras conclusões e o surgimento de outras hipóteses levantadas a partir da análise dos resultados estatísticos nos direcionam a futuras pesquisas e refinamento desta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Battisti, Elisa. (2005): "Haplogogia sintática e efeitos de economia", *Organon* 36, 31-39.
- Battisti, Elisa (2008): "Haplogogia no português do sul do Brasil", *Letras de Hoje* 40, 73-88.
- Bisol, Leda (1996): *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Coutinho, Ismael de Lima (2008): *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico.

- Guy, Gregory R. / Ana Zilles (2007): *Sociolinguística Quantitativa: Instrumental de Análise*. São Paulo: Parábola.
- Labov, William (2008): *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Leal, Eneida de Goes (2009): *Elisão Silábica e Haplogia: Aspectos Fonológicos do Falar da Cidade Paulista de Capivari*. Universidade de São Paulo: Dissertação de Mestrado.
- Leben, William (1973). *Suprasegmental Phonology*. PhD dissertation, MIT. Distributed by Indiana University Linguistics Club.
- Mendes, Regina Maria Gonçalves (2009): *A haplogia no português de Belo Horizonte*. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Dissertação de Mestrado.
- Oliveira, Marilucia Barros de (2002): *Manutenção e apagamento na fala de Itaituba-PA*. Universidade Federal do Pará. Dissertação de Mestrado.
- Oliveira, Marilucia Barros de (2007): *A palatalização da lateral alveolar /l/ em posição prevocálica no falar de Itaituba – PA*. Universidade Federal de Alagoas. Tese de Doutorado.
- Pavezi, Vanessa Cristina (2006): *A Haplogia na Variedade Paulista*. Universidade Estadual paulista. Dissertação de Mestrado.
- Prado, Natália Cristina (2010): "Haplogia na Formação de Palavras envolvendo o sufixo –ção"; in *Anais do IX Encontro do CELSUL*. Santa Catarina. Palhoça, SC, Out. 2010.
- Paz, Flávia / Marilucia Barros Oliveira (2013): *Haplogia: uma análise variacionista no falar itaitubense* (no prelo).
- Razky, Albdelhak et al. (2003): *Estudos Geo-Sociolinguísticos no Estado do Pará*. Belém: Grafia.
- Tenani, Luciane Ester (2002): *Domínios prosódicos no português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos*. Universidade estadual de Campinas: Tese de Doutorado.
- Williams, Edwin Bucher (1891): *Do Latim ao Português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. Traduzido por Antônio Houass. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

